

O FOLCLORE BRASILEIRO E A GEOGRAFIA

ROGER BASTIDE

O prof. ROGER BASTIDE é um nome bem conhecido de todos os brasileiros cultos, porque desde 1935 vem realçando, como professor contratado de uma das cadeiras de Sociologia da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, importantes pesquisas no campo de sua especialidade. Ainda recentemente, pelo voto unânime da Congregação desse estabelecimento de ensino superior, homologado pelo Conselho Universitário, foi-lhe conferido o título de Doutor "honoris causa" por aquela Universidade. Suas preferências têm-se voltado para o estudo do negro brasileiro, podendo ser considerado, hoje, o maior conhecedor do assunto, desde que deixaram de existir Nina Rodrigues e Artur Ramos.

Por tudo isso, o *Boletim Paulista de Geografia* sente-se muito honrado em oferecer aos seus leitores, em primeira mão, o presente trabalho, no qual o eminente mestre francês focaliza o folclore brasileiro à luz da Geografia.

I

O folclore e a Geografia. — Se compreendermos a Geografia Humana no sentido que lhe deu G. Hardy, como sendo uma *Geografia Psicológica*, certamente o folclore aparece como um dos elementos essenciais para a caracterização das paisagens culturais. Entretanto, mesmo que a consideremos num sentido menos amplo, a exemplo do que fez Vallaux ("onde constataremos as marcas visíveis e permanentes da atividade humana em suas relações com os fatos da superfície. . . . estaremos no domínio da Geografia. Não será demais repeti-lo: a Geografia Humana, tal como a Geografia Física, é uma ciência dos fatos, por isto devendo-se entender quase sempre fatos visíveis e sensíveis"), mesmo assim pensando, cumpre reconhecer que existem ligações estreitas entre o folclore e a Geografia.

São tais relações que pretendemos examinar a propósito do Brasil. Todavia, convém deixar bem claro que não confundimos a Geografia, que é uma ciência, com a Cartografia, que não passa de um processo metodológico de representação de fatos. Os folcloristas têm sido levados, cada vez mais, a elaborar atlas de cartas folclóricas, tal como os etnógrafos e os sociólogos a construir cartas culturais ou sociais. Lembremos, como exemplo, as cartas de certos tabús ou de certas danças, elaboradas pelo Departamento de Cultura ao tempo de

Mário de Andrade; tais cartas localizam fatos, costumes ou técnicas, sem que possamos vêr nelas uma Geografia do folclore. Não pretendemos, pois, no presente artigo, traçar os quadros de uma Geografia do folclore brasileiro, que faria parte da Geografia Psicológica, como a entendeu G. Hardy; arriscar-nos-íamos, a cada momento, a confundir essa pretensa Geografia com uma simples leitura de mapas. Desejamos, simplesmente, examinar as estreitas relações existentes entre a Geografia Humana (entendida no sentido clássico do termo) e o folclore, com referência ao Brasil.

Essas relações podem ser encaradas sob dois pontos de vista: porque a Geografia serve para auxiliar a interpretação ou a explicação dos fatos folclóricos, como porque, reciprocamente, o folclore oferece ao geógrafo elementos para a melhor compreensão dos fatos da Geografia Humana. Há bastante tempo, os folcloristas norte-americanos ligaram a sobrevivência de tradições populares ao isolamento geográfico; por isso mesmo, quando deliberam realizar pesquisas, tratam de procurar quer ilhas marítimas, situadas fóra das grandes correntes comerciais, quer "ilhas" continentais, vales perdidos entre altas montanhas, regiões não atravessadas pelas vias-férreas ou por estradas de rodagem. Teremos ocasião de verificar, mais além, a propósito do caso brasileiro, até que ponto essa concepção das "ilhotas fechadas" é insuficiente e precisa ser corrigida.

Embora Varagnac houvesse acentuado o papel das vias de comunicação em seus estudos a respeito do desaparecimento de certos fatos folclóricos, como as fogueiras de São Brandão e de São João, em França, ressalta de seus trabalhos que foi a utilização das máquinas agrícolas que lhes deu o golpe de morte. Tomemos um exemplo: as tradições das festas da colheita, a confecção (com o último feixe de trigo) da boneca que representa o gênio da vegetação (a respeito da qual Frazer construiu, segundo Mannhardt, toda sua tese do "Rameau d'Or"), eram ligadas às "companhias" de ceifeiros, desaparecidas com as segadeiras-amarradeiras, que colocam por si mesmas as espigas em pequenos feixes, de maneira mecânica (1). Um outro exemplo levamos ainda mais além: as coletas de mantimentos, feitas durante o Carnaval por grupos de moços, desapareceram com as transformações sofridas pela alimentação campesina e só podiam ser compreendidas ao tempo em que a carne era um alimento raro. Por conseguinte, o folclore acha-se menos ligado a um fato da geografia física, como seria o isolamento de uma ilha ou de um vale nas montanhas, do que a um fato de geografia humana — *o gênero de vida*.

(1) A tais fatos, citados por Varagnac, poderíamos acrescentar outros citados pelos geógrafos. Jules Blache (*Les Massifs de la Grande Chartreuse et le Vercors*, Grenoble, 1931) mostra que o montanhês vivia, outrora, na intimidade da floresta, como lenhador e fabricante de objetos tradicionais de madeira; mas, hoje, com a máquina, a madeira escóo-se rapidamente, sem trabalho, do Maciço até à planície, sem que o homem a toque, fazendo desaparecer as tradições.

O folclore, segundo ainda Varagnac, prende-se a uma certa *estrutura social*, a das aldeias comunais, em que os camponeses encontram-se estreitamente ligados com os artesãos e cuja economia é quase fechada; como também a uma certa *concepção religiosa* ou *mística* do mundo, a qual comporta relações rituais, em certas datas do ano, entre o mundo dos vivos e dos mortos, entre o campo cultivado e a mata virgem. É curioso observar que tal gênero de vida campesino parece datar do Neolítico e que a conversão dos camponeses ao Cristianismo em nada o modificou. Portanto, se as modificações de crenças não exerceram nenhuma influência sobre o folclore, é que este repousava, não nas próprias crenças, mas sobre uma base mais material, que teria perdurado. Com efeito, deve-se ao sistema do pousio e da cultura temporária das terras a persistência, até o século XIX, de certas tradições populares — como o Carnaval, a de São João, as festas do mês de Maio, que conservaram a oposição entre as charnecas e os campos trabalhados, tal como a aldeia comunal, mantendo a floresta como propriedade coletiva, conservava próximo das herdades a misteriosa morada das Fadas e dos Espíritos. Se o folclore, que havia sobrevivido durante séculos, veio a desaparecer em somente poucas décadas da segunda metade do século XIX, isto se deve ao fato de haver tal gênero de vida agrícola sofrido, então, completa modificação graças à industrialização da agricultura. Compreende-se, pois, voltando ao problema das "ilhas" de tradições, porque o isolamento geográfico é uma condição de sobrevivência, embora não o seja sempre nem fatalmente. Além disso, jamais o será diretamente, mas por intermédio do gênero de vida e somente quando a "ilha" tenha um caráter cultural e não puramente geográfico, na qual haja, a par do afastamento, a comunidade aldeã e graças à oposição entre a mata e o campo (2).

Por outro lado, pode o folclore prestar serviços ao geógrafo, particularmente à Geografia Regional; porque, como é sabido, não existe um folclore nacional, pela simples razão que o folclore data de uma época em que as nações ainda não se tinham organizado, mas folclores internacionais e variações regionais. A escola monográfica francesa (citemos, como exemplos, Demangeon em *La Picardie*, e Daniel Faucher em *Les Plaines et Bassins du Rhône Moyen*) não deixa de se servir de provérbios e ditados populares a respeito do tempo ou das plantações, como das festas tradicionais, ao descrever a maneira pela qual os homens cultivam o solo ou para determinar as etapas do calendário agrícola. A fim de compreender porque a paisagem do Poitou e

(2) Longe de ligar o folclore ao isolamento, Brunhes, em sua clássica *La Géographie Humaine*, limita-se a mostrar a importância das vias de comunicação sobre a localização dos fatos folclóricos e sobre a arte tradicional. É assim que a Santa barbada, transformação do "Santo Volto" de Lucca, encontra-se na Alemanha, Suíça, Inglaterra, França, mas somente nos caminhos frequentados pelos mercadores ambulantes de Lucca. A eriação de estradas comerciais pode, conforme o caso, matar o folclore local ou estendê-lo geograficamente.

do Berry é “uma espécie de desafio ao princípio da região natural”, Roger Dion viu-se obrigado, em seu livro sobre *Le Val de Loire*, a recorrer, segundo Marc Bloch, à influência de uma tradição técnica — ao arado romano, em contraposição à charrua de jogo dianteiro das planícies do norte. Entretanto, estando o folclore em vias de desaparecimento na Europa, é principalmente no estudo das regiões coloniais que os franceses puderam trazer sua mais importante contribuição. A ocupação do solo no delta do Tonquim, para limitar-nos a um exemplo tirado de P. Gourou, não pode ser compreendida sem a geomância popular dos camponeses indo-chineses, a teoria dos cinco elementos e a respiração da natureza, com sua inspiração, que é favorável (o Dragão) e sua expiração, que é funesta (o Tigre); “pode-se considerar — escreve tal autor, que uma aldeia, em sua forma atual, encontra-se localizada nas melhores condições em relação aos elementos e à rede subterrânea, em que circulam o sopro favorável e o sopro desfavorável”. Mesmo em sua cultura, o camponês não pode fazer o que deseja; se escava o solo, pode cortar as veias do Dragão e se trabalha numa colina consagrada ao elemento Fogo, arrisca-se a levar o incêndio à vegetação ou às habitações.

Tais considerações gerais são suficientes, assim pensamos, para justificar nosso propósito, que consiste em estudar as relações entre o folclore brasileiro e a geografia do Brasil.

II

O folclore brasileiro e o meio físico. — Antes de tudo, o que fere a atenção no caso brasileiro é que o isolamento geográfico, em geral, longe de ser um elemento de conservação das tradições populares, consiste mais num elemento de perda e de desaparecimento. Certamente, tal fato nem sempre acontece: sabe-se, por exemplo, que enquanto nas zonas agrícolas afastadas das estradas o *cururú* conserva-se sob a forma a mais primitiva e mais próxima de suas origens jesuíticas (isto é, o desafio bíblico), nas cidades muda êle completamente de caráter. Entretanto, os exemplos em contrário são bem mais numerosos. Os pequenos núcleos de pescadores, no litoral atlântico, nos trechos em que a Serra do Mar termina junto à costa, enclausurados entre escarpas, não tendo comunicações com o exterior, não guardam senão dificilmente alguns traços da cultura material; perderam a maior parte dos traços da cultura espiritual lusa ou indígena. O recenseamento de 1940, na Paraíba, veio demonstrar a existência de uma “ilhota” de negros no Sertão, provavelmente descendentes de “quilombolas”, que se mantiveram quase puros sob o ponto de vista étnico, mas que nada conservaram do folclore ancestral (3). E Emílio

(3) Serra da Caiana, entre Caiana do Azeite e Sapé da Caiana, município de Alagôa Grande (Pretos: 371; Mulatos: 310; Brancos: 198).

Willems realçou muito bem, nas áreas teuto-brasileiras, de enquistamento germânico, a pobreza do folclore, em contraposição à riqueza do folclore germânico, de um lado, e a relativa riqueza do folclore cabóclo, de outro.

É que o folclore é fruto da cooperação e necessita da vida em comunidade. É um complexo de gestos, em que cada grupo representa seu papel e que se completa na festa coletiva. Onde as condições de vida são muito duras, onde a estrutura social apresenta-se sob a fórmula de uma aglomeração de famílias e, não, da colaboração de grupos funcionais; onde a rarefação da população ou dos recursos se acentua e o homem sente-se esmagado pelo meio que o cerca — as tradições populares acabam por se estiolar e desaparecer. No Brasil, reciprocamente, o folclore tem uma caráter tanto urbano como rural, ao contrário do que se passa na Europa; talvez, mesmo, mais urbano do que rural. Isto porque, antes de mais nada, a cidade brasileira, conforme a observação de Gilberto Freyre, é um prolongamento da zona rural, uma espécie de anexo das fazendas e dos sítios, local de encontro dos proprietários agrícolas, dos "moradores", dos agregados; ora, o folclore, para que possa persistir, já o dissemos, exige a cooperação. Além disso, porque o folclore está ligado à existência de grupos institucionalizados, que lhe servem de base e o encarnam, como porque a cidade, com seus grupos de profissões artesanais, cada qual com suas tradições, suas danças e seus jogos (a *chegança* dos pescadores, os *cateretês* dos cuteleiros, os *mouriscos* dos alfaiates, *lundús* das quitandeiras...), fornecem às tradições uma estrutura institucionalizada. Foi somente a partir do desenvolvimento da industrialização e já sob a República, que a cidade perdeu essa função de conservadora do folclore.

Por conseguinte, em nossa opinião, o isolamento geográfico (quer seja devido a causas físicas, como o vale separado por montanhas abruptas, quer o seja por causas humanas, como a ausência de estradas em planícies uniformes) não basta para explicar os característicos próprios do folclore brasileiro. Cumpre procurar outras causas geográficas.

São as *condições climáticas* que, principalmente, nos aparecem como preponderantes. A vigília do inverno, que se prolonga na Europa das fogueiras de Brandão às de Maio, com a visita central das máscaras do Carnaval, símbolos do exército dos Mortos, saída da mata para purificar, pela fumigação ou pela aspersão de farinha, as propriedades campesinas, juntamente com os mutirões da debulha dos grãos, os jogos, provérbios e relato de histórias, — não tem nenhuma razão de ser numa região de clima mais uniforme, sem queda de neve. Daí a transformação sofrida pelo Carnaval, que perde sua função rural de ligação entre o mundo dos Espíritos e o mundo dos vivos,

para revestir-se de funções urbanas extremamente diferentes. Emílio Willems observou, entre os teuto-brasileiros do Rio Grande do Sul, o desaparecimento do Carnaval alemão, tradicional, e a aceitação do Carnaval brasileiro. Tal mudança constituiu uma consequência da oposição entre o clima germânico e o clima do novo "habitat". Entretanto, não pode o homem viver sempre voltado sobre si mesmo; tem ele necessidade de períodos de concentração demográfica depois de períodos de dispersão geográfica. As vigílias, sob a forma do pagode, do velório, da dança de São Gonçalo, da recepção da folia do Divino Espírito Santo, existem no Brasil como alhures. Mas não mais se apresentam como vigílias com datas certas, ligadas à variação das estações, ocupando um lugar determinado no ano agrícola; são variáveis, instituídas pelo acaso das circunstâncias — a passagem de um violeiro ambulante (*pagode*), a morte de um vizinho (*velório*), a promessa feita a um santo (*dança de São Gonçalo*). Cada vez mais, tendem a retomar certos elementos tradicionais — por exemplo: os jogos (como o da noiva), os provérbios, o relato de histórias (no velório do Nordeste), as danças jesuíticas dos índios (no sul do Brasil), embora destacadas de seu contexto cronológico.

Mais ainda que com a uniformidade do clima, o colonizador português chocou-se com a inversão das estações do ano; como o folclore acha-se preso a um calendário agrícola bem determinado, tudo teve de ser alterado. Certos traços europeus tornados sem função, como as fogueiras de São Brandão ou do Natal, passaram por uma lenta agonia (queimada do presépio no Salvador ou no Recife); de fato, não seria útil num país quente conservar ritos destinados a alimentar o sol com fogueiras acêsas na terra! Outros traços puderam ser, por sua vez, transferidos de uma para outra estação: enquanto, para fazer cair a chuva fecundante sobre suas plantações, o camponês europeu necessita de um santo no solstício do verão, o homem do campo brasileiro precisa de um santo no solstício do inverno; daí a substituição de São Medardo (8 de julho), em França, por São José (19 de março), no Ceará. Estamos convencidos de que o caráter fluido do folclore brasileiro, cujas festas não são fixas e movem-se através do ano, variando de localização no tempo de uma para outra região e, numa certa região, muitas vezes, de um para outro século, não poderá ser interpretado a não ser se tomarmos por base a espécie de pânico que se apoderou do colonizador luso em face da inversão das estações, que transtornava todos os seus hábitos.

Essa inversão climática ocasionou uma transformação agrícola. Alceu Maynard de Araujo, em trabalho ainda inédito, examinou o calendário agrícola das festas de Cunha em suas relações com o calendário agrícola regional e se, por ventura, sua demonstração nem sempre é convincente (em virtude das sobrevivências européias, que se

mantêm por força da inércia, sem se adaptar ao novo meio), não resta dúvida que o novo calendário agrícola, brasileiro, parece dar mais importância a certas festas que a outras, alterando a hierarquia européia. O Natal vai perdendo sua importância, pelo menos nas zonas rurais, para ser substituído pela festa de São João; e, como a toda festa da produção deve corresponder a festa paralela do consumo, a de São João, que é a cerimônia da fecundidade, da bênção dos campos (função da festa de Maio, na Europa), corresponde a festa do Divino, que é a cerimônia do consumo das riquezas ou dos produtos acumulados (função mais característica da festa de São João, na Europa, ou, ainda mais, da de Natal).

O folclore brasileiro e a geografia humana. — O calendário agrícola leva-nos a passar do campo da geografia física para o da geografia humana. Tivemos ocasião de assinalar, na primeira parte do presente artigo, a importância do gênero de vida. Ora, o gênero de vida na América do Sul é diferente do do Velho Continente. A ocupação do solo por uma população escassa ocasionou a formação de extensos latifúndios e a dispersão demográfica, ao invés da pequena propriedade e da concentração aldeã. Eis um primeiro fato importante a ser notado, porque esse novo característico demográfico — a *dispersão dos habitantes* a léguas de distância uns dos outros, acabou por ocasionar também, a par do elemento climático já mencionado, o desaparecimento das vigílias como constância folclórica. É bem verdade que, de outro lado, a “casa-grande” substituiu a aldeia, com seus escravos e seus agregados; mas não mais se trata de um mesmo tipo de concentração da população e, conseqüentemente, de um mesmo gênero de vida. A aldeia européia consegue unir grupos, funcionalmente diferenciados pelo sexo, idade ou profissão, mas que se identificam por serem constituídos por famílias que têm os mesmos direitos e acham-se aglomeradas democraticamente. Se a “casa-grande” conserva da aldeia européia a auto-suficiência econômica, em contraposição reúne, num mesmo território, grupos hierarquizados, englobados numa organização capitalista, que se baseia no lucro comercial; em conseqüência, o folclore da “casa-grande”, levando-se em conta a diferença de gênero de vida, será muito diferente do da aldeia portuguesa. A festa dos Engenhos de açúcar hierarquisa e levanta barreiras entre as tradições lusas (na “casa-grande”) e as tradições africanas (no terreiro); o morador tem seus jogos, que não são os do escravo; o patriarca tem suas dansas, que não são as dos “moradores”.

Para explicar o folclore brasileiro, poder-se-ia quase estabelecer uma lei: tudo o que altera o gênero de vida europeu ocasiona o desaparecimento ou a transformação do folclore; tudo quanto recorda o gênero de vida europeu conduz à manutenção dos traços folclóricos importados. Tal lei valeria tanto para o folclore africano, como para

o folclore luso. Tomemos um ou dois exemplos. A oposição entre a mata virgem, domínio dos Espíritos, e os campos cultivados, que permitiu, como já ficou dito, a sobrevivência de cerimônias neolíticas na França até o século XIX, graças ao sistema do pousio, também existe no Brasil, onde 3/4 da propriedade, não sendo cultivados, ficavam como reserva devido ao progressivo esgotamento dos solos, à falta de capitais necessários para o cultivo total e, finalmente, à necessidade de pastagens para o gado ou de lenha para ser queimada na usina. Esta espécie de pequeno "sertão", situado próximo da plantação, acaba por ocasionar a perpetuação dos Espíritos caboclos e a possibilidade, para o negro, de transplantar para a nova terra a geografia mística dos deuses africanos. Já tivemos ocasião de insistir bastante em estudos anteriores (4) sobre tal assunto e não vemos necessidade de novamente fazê-lo.

Linhas atrás, procuramos mostrar a importância, que têm na Europa, das procuras de alimento e como estão ligadas a condições antigas da alimentação, as quais, vindo a desaparecer, ocasionaram o esboramento completo das tradições populares. Entretanto, tais condições antigas de alimentação continuaram na população rural do Brasil, em virtude da pobreza das culturas de subsistência. Poder-se-ia mesmo afirmar que o caráter alimentar do folclore europeu nada mais fez do que aqui se intensificar. A vigília religiosa (tanto o velório como a dança de São Gonçalo), bem mais que uma simples vigília, consiste numa distribuição de alimentos, particularmente da carne. A festa de São João conta com a refeição feita ao pé da fogueira. Principalmente a festa do Divino Espírito Santo caracteriza-se, antes de tudo, por uma redistribuição dos produtos da terra, após o período das colheitas, sob uma dupla fórmula — democrática (com a visita da Folia a cada uma das propriedades rurais) e patriarcal (com os festeiros, suas lutas por um estatuto social que se eleva com o valor das coisas distribuídas e com aquilo que denominei de "potlatch" da alimentação).

As cartas folclóricas. — Verifica-se, portanto, que a geografia é útil ao folclorista. Mas tal utilidade estende-se, naturalmente, das generalidades aos fatos particulares. Já tivemos ocasião de falar das cartas folclóricas; tais cartas só apresentam interesse se as lemos através de comparações geográficas. As variações regionais do folclore não são sempre devidas, por certo, a causas geográficas, pois muitas vezes dependem de causas étnicas ou históricas; mas o folclorista deve sempre, como regra de metodologia, verificar se, antes de tudo, a geografia não lhe fornece a chave da questão.

Seja-nos permitido tomar apenas dois exemplos: o do *mutirão* e o dos caminhos percorridos pelas *Folias do Divino* (ou outras). Onde

(4) Vêdo *Sociologie du Folklore brésilien — Magie et Médecine dans les Candomblés*.

quer que a terra se apresente largamente subdividida e o "sítio" predomine sobre a "fazenda", o *mutirão* cede seu lugar aos *dias trocados*, que não passam de um pequeno auxílio, sem que haja grandes despesas alimentares ou festivas. Bem se compreenderá tal fato lendo os estudos de Carlos Borges Schmidt sobre a vida agrícola no vale do Paraitinga: ali, onde, pelo contrário, domina a grande propriedade, o trabalho coletivo necessita de mão de obra mais numerosa, obrigando o aparecimento do *mutirão*. Nice Lecocq Müller, em seus trabalhos sobre os sítiantes, esboçou uma classificação, que vai da dispersão absoluta à concentração nuclear; e, lendo-se sua tese, percebe-se que o *mutirão* acha-se ligado a certas formas de ocupação do solo, à existência de espécies de "bairros" entre pontos mortos da população (lugares de raras habitações, que escapam à empresa da cooperação). Seria interessante, pelo conhecimento da gente chamada a participar no trabalho coletivo, verificar se o bairro agrupado não lhe é mais favorável que o bairro linear e, neste último caso, quando for relativamente extenso, se não existem subdivisões cooperativas, do mesmo modo que o papel do fator geográfico em sua delimitação.

Quanto aos roteiros das *Folias*, realizam-se tanto por água como por estradas, conforme as regiões. Vejamos, por exemplo, a oposição da Festa do Divino em Tietê e em Cunha, ambas em território paulista. Em Cunha (ver fig. 1), a visita ao município coincide com a época do trabalho nas lavouras e vai de meados de outubro até junho. Alceu Maynard de Araujo observou a existência de três "eitos" percorridos sucessivamente e de extensão desigual. Ora, a duração do percurso e a própria divisão do território percorrido em três partes são devidas, entre outras, a razões geográficas: a primeira porção é pequena, mas a densidade da população é grande, o que exige três meses de percurso; a segunda é três vezes mais extensa, mas corresponde a uma região extremamente montanhosa — "nesta o volume social é, talvez, mais ou menos igual ao da primeira, mas há rarefação da população devido às barreiras geográficas (Serra da Bocaina), que impedem a concentração da população e aumentam as distâncias a serem percorridas, exigindo, também, três meses para a visita da Folia"; quanto à terceira, é a facilidade de comunicações, a par com a aproximação da festa, que torna possível seu percurso num mês somente.

Seria útil prosseguir tais estudos de geografia religiosa para outras "folias" existentes no país.

III

O folclore brasileiro e a vida rural. — Se o folclorista não deve olvidar o fator geográfico em sua interpretação dos dados re-

colhidos, torna-se evidente que o que mais interessa ao geógrafo, no caso, é a contribuição que o folclore lhe pode fornecer.

É um fato evidente que o folclore constitui um elemento da *paisagem cultural* e que as variações regionais esclarecem os fatos geográficos. Toda a civilização agrícola do "Outro Nordeste", como já foi denominado o Sertão semi-árido, acha-se ligada à seca e à chuva. Por isso mesmo, o geógrafo não pode deixar de se servir das crenças populares, das "sortes", dos ritos mágicos relativos à chuva, se deseja dar vida à angústia do cearense diante da seca catastrófica. Todos os provérbios ("Vermelhão pro sertão, chuva no chão"); todos os prognósticos sobre o tempo com o auxílio das nuvens, das estrélas, dos ventos, da vegetação ou dos gritos dos animais; as "sortes" tiradas, como as doze pedrinhas de sal de Santa Luzia — tudo isso poderá ser utilizado pelo geógrafo para demonstrar a obsessão do sertanejo, como também poderá separar a pura superstição das experiências ancestrais, de fundo meteorológico (5). Da mesma maneira, o quadro das planícies meridionais não pode deixar de se utilizar do folclore do gaúcho.

No entanto, até este momento e em todo o parágrafo anterior, o folclore apenas serviu para ilustrar e não, para explicar. Acaso, não poderemos ir mais longe? Se já se definiu a Geografia Humana como o estudo dos "complexos", de elementos físicos (solo, clima, relevo), biológicos (vegetais e animais) e humanos (técnicas de cultura e estruturas demógrafo-sociais), que não apenas se combinam, mas também agem e reagem uns sobre os outros (6), — então o folclore aparecerá como um dos sub-elementos da combinação e poderá ser um fator não desprezível da explicação geográfica. Tanto mais que as combinações não são imutáveis; e disso temos exemplos no vale do Paraíba paulista, onde a combinação "plantação de café" cede o passo a uma combinação da "policultura-criação". Neste caso, o folclore, na proporção em que seja tradicional, pode agir como um freio capaz de retardar a evolução; e isto até o momento em que ele venha a desaparecer. Em tal hipótese, toda a segunda parte do presente artigo, que examinou a ação dos elementos geográficos sobre o folclore, não mais apenas interessa ao folclorista, mas também ao geógrafo. Com efeito, à medida que unimos o folclore à noção geográfica de "combinação", o desaparecimento das tradições populares torna-se um dos critérios significativos da passagem de uma antiga combinação para uma nova, marcada por um outro sistema de exploração da terra.

O calendário agrícola e os métodos de cultura apresentam-se influenciados pelo folclore e, em parte, podem ser por ele explicados. A

(5) GETÚLIO CESAR, *Crenças do Nordeste*, Pongetti, 1941.

(6) Tomamos esta definição dos "complexos" (que representa um papel tão importante na geografia, tanto física como humana) de uma das obras de ANDRÉ CHOLLEY.

importância dos dias santificados, no quais o trabalho torna-se um pecado, explica o atrazo da cultura caipira em relação à cultura científica. Toda plantação dos roceiros é determinada por regras tradicionais, que obrigam, por exemplo, o camponês a plantar a melancia pela manhã e o gerimum à tarde, se se deseja que a colheita seja proveitosa; o feijão, a mandioca, etc., todos os dias, salvo segunda-feira e, às vezes, sexta-feira, para que frutifiquem ou não sejam atacados pelas saúvas; a esperar a lua nova, ou certos meses privilegiados; ou, então, por pessoas fóra da época catamenial, etc. Em tais casos, o folclore faz mais do que simplesmente dar uma imagem para ilustrar um gênero de vida; passa a ser parte integrante de um "complexo" de exploração agrícola e dá-lhe uma significação profunda. "Roça" contra "fazenda", agricultura brasileira contra agricultura do japonês — elementos descritivos, ao mesmo tempo que explicativos.

Se passarmos do camponês luso-brasileiro para o camponês de origem africana, verificaremos também que suas tradições ancestrais inscrevem-se na cultura dos campos. Primeiramente, a autonomia da mulher, que é maior em sua terra do que no patriarcalismo brasileiro e que leva a dividir o campo do marido (pelo menos no Maranhão) por um renque de mamonas, sendo a menor porção reservada à mulher, que assim poderá ter suas próprias economias. Se, como acontece frequentemente, subsiste a poligamia africana, sob a forma de concubinas (cada uma das quais vive numa habitação diferente com seus filhos, a exemplo do que acontece nas aldeias africanas, em que as choças de cada mulher são separadas da do marido), tais mulheres possuem sua própria lavoura e vivem daquilo que desta podem obter. Deste modo, a economia ancestral, que no Brasil aparece como um traço folclórico devido à sua persistência na população rural das áreas afastadas das cidades, apresenta um curioso regime de repartição da terra (7).

O folclore constituiu, também, um importante elemento para a caracterização do comércio. Se, por exemplo, no Ceará, o folclore religioso possui um colorido essencialmente indo-caboclo, através do *catimbó*, cujos Mestres se dirigem para Belém ou para Manaus, para ali fazer sua aprendizagem sob a direção dos pagés, em contraposição existe toda uma região daquele Estado onde a influência africana é a mais forte — o vale do Cariri. Isto acontece não somente porque este vale encontra-se mais próximo do Piauí, de Pernambuco, mesmo de Alagoas e da Bahia, como porque tais Estados (exceção feita de Bahia e Alagoas) vêm abastecer-se nas feiras do Cariri, por ocasião das secas parciais (Joaquim Alves). Há, por conseguinte, um vai-vem de mercadorias e de credices, uma troca de ritos e de mantimentos,

(7) V. EDUARDO (Octavio da Costa), *The Negro in Northern Brazil*, New-York, 1947 — cap. III.

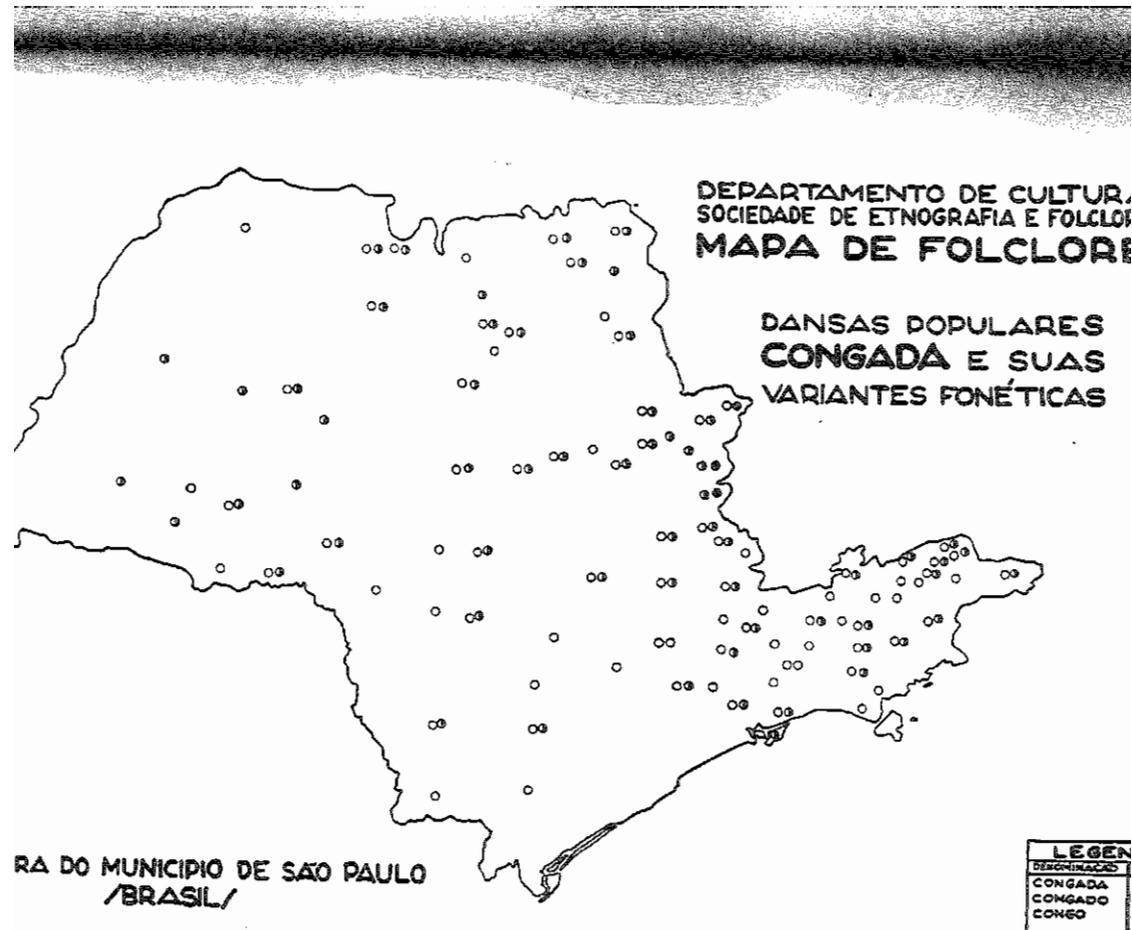


Fig. 2 — Repartição da Congada no Estado de São Paulo, segundo o Departamento de Cultura.

que o geógrafo deve abranger em sua totalidade se quizer dar uma descrição exata da paisagem cultural da região. A composição étnica da população é, no caso, menos importante que a geografia das comunicações. Sob tal ponto de vista, as cartas folclóricas podem prestar os maiores serviços ao geógrafo, auxiliando-o a delimitar as fronteiras das áreas culturais em confronto com as áreas naturais (cf. fig. 2 — área da Congada no Estado de São Paulo).

O estudo do folclore pode, além disso, servir muito bem para definir o tipo de combinação que o imigrante vem a criar em contato com a paisagem natural. É evidente que o estrangeiro, que se vem fixar no Brasil, traz consigo tradições, hábitos coletivos, uma certa forma mais ou menos popular de comportamento. Quando, como aconteceu no tempo do Império, a colonização foi realizada sob a fórmula de colônias homogêneas, separadas das populações nativas, conservando a língua, a religião, etc. do país de origem, teria forçosamente de se registrar também a manutenção dos folclores primitivos (germânico, polonês, etc.). De fato, até certo ponto, houve conservação de elementos de cultura material camponesa desconhecidos no Brasil, como se deu com a carroça de rodas radiadas. Entretanto, como já acentuamos, embora o folclore esteja ligado a um determinado gênero de vida e este seja em grande parte condicionado pelo meio físico, a mudança de "habitat" acaba por ocasionar a adoção de novos costumes, tirados da população que já vivia nas terras colonizadas. A adaptação geográfica força o recém-chegado a utilizar os métodos da agricultura ou da criação caboclas; e tais métodos passam a ser adotados com todo o seu conteúdo folclórico, o que faz com que a assimilação do alemão ao brasileiro, por exemplo, em tal caso, não seja um fenômeno sociológico, mas um simples fenômeno geográfico de adaptação.

Até aqui, como naturalmente foi notado, encaramos o folclore como tradição ancestral, como sobrevivência do passado. Mas há um outro elemento do folclore que também poderemos examinar: o da criação popular. Tomemos como exemplo a cerâmica; quer tenha suas origens longínquas nas bonecas dos índios ou nas estatuetas portuguesas, o fato é que tal cerâmica teve de adaptar-se às necessidades do mercado local, variando com êle. O geógrafo não pode deixar de se referir aos mercados e, nesta tarefa, terá sua atenção chamada para a importância dos objetos de barro, quer esteja em Santa Catarina, quer na feira das Águas do Menino, na Bahia. No entanto, êsses objetos apresentam as mais diversas fórmulas, desde os animais grosseiramente modelados até os temas humanos, que põem à prova o engenho criador dos artesãos. Ora, essa imaginação, seja ela simplesmente adaptadora ou verdadeiramente criadora, acha-se em "combinação" com as necessidades do comércio local. Embora o tipo animal pareça-nos derivar dos costumes indígenas, daquêle gosto pelos

animais de que Gilberto Freyre falou longamente para caracterizar os jogos dos brasileirinhos do período colonial, estamos convencidos de que, em grande parte, as estatuetas humanas aperfeiçoaram-se sob a influência das necessidades religiosas das festas africanizadas de São Cosme e São Danião. Em São Paulo, o mercado de Taubaté, como os das zonas limítrofes com Minas-Gerais, acham-se ligados ao presépio de Natal e à generalização do costume de construí-lo nas habitações camponesas. Todavia, em toda parte, o contato com as populações urbanas, ávidas pela arte ingênua, ocasiona a mudança de temas, obriga o artesão a aperfeiçoar e a variar os assuntos; o alargamento do mercado e das necessidades, que precisam ser satisfeitos, acaba por modificar-lhe a imaginação, suscitando o esforço criador. Da mesma maneira, só poderemos explicar a persistência da arte dos fazedores de imagens de madeira, no sertão do Nordeste, pela importância dos "ex-votos" e pela inexistência da correspondente indústria em cêra. Os "milagres" das igrejas ou das cruzes plantadas nos caminhos de peregrinação fazem parte, por isso mesmo, de uma combinação em que entram e interferem-se elementos geográficos (Sertão "versus" Litoral), religiosos (importância das promessas aos santos) e medicinais (ausência da medicina racional em virtude da dispersão demográfica).

O folclore brasileiro e a geografia urbana. — Se passarmos, para concluir, da geografia rural para a geografia urbana, encontraremos em face de um fato curioso: a existência, no Brasil, de um folclore urbano bastante desenvolvido, pelo menos nas regiões de civilização tradicional do Nordeste. Ora, eis aqui um fato que distingue nitidamente a cidade brasileira da cidade européia ou norte-americana; não que se não possa falar de folclore urbano também nestas áreas, mas porque, nelas, encontra-se um folclore especial, nascido na própria cidade e que nada contém das tradições neolíticas conservadas nos campos, o que escapa ao objetivo do presente artigo. Pelo contrário, no Brasil, é muitas vezes nas grandes cidades que encontramos, em suas mais puras formas, as mais velhas tradições dos portugueses e dos africanos das zonas rurais. Já tivemos oportunidade de indicar as razões relativamente aos lusos: a rarefação demográfica dos campos e a concentração urbana (o folclore necessitando memória coletiva e cooperação dos grupos num todo funcional); o regime municipal, com as corporações de ofícios, de função mais folclórica do que política. Para os negros, torna-se necessário acrescentar que o regime da plantação, fazendo desaparecer os liames clâmicos e modificando o gênero de vida africano, impedia a sobrevivência da maior parte dos costumes populares (salvo as dansas sexuais, que serviam aos interesses dos "senhores de engenho"), ao passo que os "negros libertos", como os "negros de ganho", viviam nas cidades, onde podiam mais facilmente reconstituir suas etnias. Entretanto, quaisquer que sejam

as razões, mais históricas do que geográficas, que possam explicar o fato, o importante é que o geógrafo, que deseje descrever a cidade brasileira, não poderá deixar de se referir a esse folclore, se desejar oferecer uma imagem diferencial da cidade de seu país. Uma geografia urbana, que não levasse em conta o "ciclo do Natal" no Salvador ou no Recife, com suas "pastorinhas" e seus "ranchos", que ignorasse as "cheganças" da gente do mar e os sambas que acompanham obrigatoriamente as grandes cerimônias católicas, deixaria de lado alguma coisa da paisagem cultural. Não resta dúvida que o geógrafo não deve transformar-se em folclorista, analisando em seus pormenores esse conjunto de jogos e de cantos; mas não pode deixar de lhes fazer uma referência.

Se quiser ir mais longe, até esse disputado domínio entre o sociólogo e o geógrafo, que é a Ecologia, poderá levar suas pesquisas aos diferentes bairros de uma cidade. Para limitar-nos à Cidade do Salvador, sentir-se-ia forçado a distinguir, ao longo da costa, a *zona dos pescadores*, com suas aldeias duplas (permanente, para a cultura de subsistência, e temporária, da pesca de xaréu), sua divisão sexual do trabalho (agricultura feminina e pesca masculina), sua técnica de pescar, que conserva elementos folclóricos africanos (como o ritmo, ao som de tambôres ou de cânticos fetichistas) e que fica ligada, do começo ao fim, ao culto de Iemanjá — Mãe d'Água — Dona Janaina. Em seguida, os *subúrbios situados na Mata* — Rio Vermelho, Bata-Folha, etc., centros de tradições africanas, com seus 200 e tantos candomblês (que penetram pela Estrada da Liberdade até os bairros proletários da cidade propriamente dita). Finalmente, o *núcleo central*, onde o folclore de origem lusa, mesmo que seja suportado e encarnado pelo negro, domina sem possível contestação. Tudo isso, naturalmente, sem que nos esqueçamos de que, nas grandes festas religiosas (como as de Nossa Senhora da Conceição da Praia ou do Senhor do Bonfim) ou profanas (como o Carnaval), registra-se a descida de todos os bairros para a cidade e a fusão dos diversos folclores; fusão esta mais exatamente ecológica do que real, pois se processa simultaneamente no mesmo lugar, embora separada em grupos segundo os jogos e conforme a cor dos habitantes.

Em conclusão. — Estamos convencidos de que tais observações são suficientes para mostrar a interpenetração, nas "combinações" mais ou menos estáveis, dos fatos folclóricos e dos fatos geográficos, reclamando do folclorista o cuidado de não apenas traçar cartas dos diversos fatos folclóricos, mas também interpretar os dados recolhidos levando em conta fatores muitas vezes explicativos da Geografia; como, além disso, reclamando do geógrafo o cuidado de não ignorar os dados folclóricos em suas descrições ou interpretações da paisagem cultural.